

## Onde se Traça a Linha. Uma Tréplica a Ravallion

por Thomas Pogge, Professor Leitner de Filosofia e Assuntos Internacionais, Yale University

O “One Pager” No. 66 de Martin Ravallion centra-se em duas questões fundamentais: o nível da linha internacional de pobreza do Banco Mundial (IPL) e a sua conversão a outras moedas e anos.

Tendo escrito antes sobre conversão (“One Pager” No. 54), posso ser breve. As paridades de poder de compra que o Banco utiliza para converter a sua IPL a outras moedas, no máximo, preserva a equivalência do poder de compra em relação ao padrão de consumo domiciliar internacional. Do mesmo modo, os índices de preços ao consumidor, que o Banco utiliza para converter os resultados para outros anos, no máximo, preservam a equivalência do poder de compra em relação a cada cesta de consumo domiciliar nacional. Essas conversões são inadequadas dentro de um exercício de medição da pobreza, porque os preços dos produtos de primeira necessidade desempenham um papel muito maior na vida dos pobres do que nas despesas de consumo geral.

Por exemplo, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) informa que os preços dos produtos alimentares têm mais do que duplicado desde o início de 2006, com efeitos devastadores sobre os pobres. A IPL não irá registrar estes efeitos. Ela avalia a renda de uma pessoa pobre com relação ao nível geral de preços ao consumidor do seu país (o qual aumentou muito menos) e não com relação aos preços do que ela precise categoricamente comprar.

O papel político da IPL do Banco torna crucial saber onde se traça esta linha. Na Cúpula Mundial da Alimentação 1996 (CMA), em Roma, 186 governos prometeram reduzir para metade, até 2015 o número de pessoas em situação de pobreza severa. No primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas (ODM-1) prometeram então reduzir pela metade “a proporção de pessoas no mundo” que vivem na pobreza. Reformulações posteriores do ODM-1 retroagem a sua linha de referência de 2000 para 1990 e também substituem “as pessoas do mundo” pela “população dos países em desenvolvimento”.

Então, houve três sucessivas metas: (1), a meta da CMA: reduzir para metade, no período de 19 anos, o número de pobres no mundo, o que implica uma redução anual de 3,58 por cento neste número (2); ODM-1 conforme adotado: reduzir para metade, no período de 15 anos, a proporção de pobres na população mundial, o que implica uma redução anual de 3,40 por cento no número de pobres, e (3) ODM-1 conforme reformulado: reduzir para metade, no período de 25 anos, a proporção de pobres no mundo em desenvolvimento, o que implica uma redução anual de 1,28 por cento no número de pobres em todo o mundo. A última meta, agora oficial, é muito menos ambiciosa, porque graças ao crescimento da população de 1990-2015, de 45 por cento no mundo em desenvolvimento, o número de pobres tem que ser reduzido em apenas 27,5 por cento.

Será que estamos no caminho para atingir pelo menos esta modesta redução de 27,5 por cento em 25 anos? A resposta depende dramaticamente de quão elevada ou baixa seja definida a IPL. O Banco inicialmente fixara sua IPL em 1,02 dólares de 1985, salientando que as linhas de pobreza nacionais de oito países pobres estavam próximas a este valor. Mais tarde redefiniu sua IPL para 1,08 dólares de 1993, salientando que esta foi a mediana das dez linhas de pobreza nacionais mais baixas. Neste agosto, o Banco redefiniu sua IPL novamente para 1,25 dólares de 2005, salientando que esta é a média das linhas de pobreza nacionais dos 15 países mais pobres. A lógica por trás dessa “ancoragem” variável das IPLs em linhas de pobreza nacional (muitas das quais são elas

próprias fixadas pelo Banco) é obscura. Convertidas em dólares de 2008, as três IPLs chegam a US\$ 2,08, \$ 1,63 e \$ 1,40, respectivamente. Se você vive nos EEUU. e seu consumo em todo o 2008 custa mais de US\$ 512, você não é pobre pelo último padrão do Banco Mundial.

Que tal definir a IPL num nível mais elevado? Chen e Ravallion (2008) dão dados, resumidos na tabela, para quatro diferentes linhas de pobreza. Os dados mostram quão decisivamente a consecução do ODM-1 depende de onde se fixe a IPL. A escolha do Banco de US\$ 1,25 (2005) por dia permite-nos celebrar que estejamos 31 por cento adiantados no cronograma. Fossem as IPL fixadas em US\$ 2,00 dólares (2005) por dia, estaríamos 68 por cento atrasados no cronograma.

Se \$ 1,25 é muito baixo, pergunta Ravallion, como é que grande parte da população da Índia consegue sobreviver com muito menos? Na verdade, eles “conseguem viver.” Mas para contar as pessoas como não-pobres, mais deve ser exigido: que possam arcar com suficientes alimentos, água potável, cuidados básicos de saúde, vestuário e alojamento adequado.

Adotando uma IPL mais adequada, poderíamos ainda nos permitir a um compromisso de erradicar a pobreza? Se o Banco definiu a pobreza em termos de US\$ 2 (2005) por dia, contaria como pobres 2,6 bilhões de pessoas cuja insuficiência média de 40 por cento ascenderia a 1,3 por cento da renda global (ibid., 23). Fazer com que toda a gente chegue a este nível muito modesto-819 dólares por pessoa por ano nos EEUU hoje, não é um objetivo extravagante quando tudo o que precisaria é de uma mudança de 1,3 por cento na distribuição de renda mundial. Com o seu novo IPL de US\$ 1,25 (2005), o Banco Mundial está contando como pobres 1,4 bilhões de pessoas que, em média, vivem a 30 por cento abaixo dessa linha. A sua insuficiência coletiva é de 0,33 por cento da renda mundial (ibid.). E estamos grandiosamente visando à reparação de metade deste problema durante 25 anos!

#### Referência:

Shaohua Chen and Martin Ravallion (2008). “The Developing World is Poorer than We Thought, but no Less Successful in the Fight against Poverty,” World Bank Policy Research Working Paper WPS 4703. Disponível em <[http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IB/2008/08/26/000158349\\_20080826113239/Rendered/PDF/WPS4703.pdf](http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IB/2008/08/26/000158349_20080826113239/Rendered/PDF/WPS4703.pdf)>.

Nível da IPL em dólares de 2005	Linha de referência de 1990 (milhões de pobres)	Meta para 2015 de redução de 27,5% (milhões)	Redução anual necessária para atingir a meta	Redução necessária para estar “no caminho” em 2005 (milhões)	Redução efetiva alcançada 1990-2005 (milhões)	Como estamos nos saindo em relação ao ODM-1 (100% = justamente no caminho)
US\$1,00/dia	1303,2	358,4	1,28%	228,7	424,2	185%; muito adiantado no cronograma
US\$1,25/dia	1817,5	499,8	1,28%	318,9	417,9	131%; adiantado no cronograma
US\$2,00/dia	2753,6	757,2	1,28%	483,2	155,8	32%; muito atrasado no cronograma
US\$2,50/dia	3076,6	846,1	1,28%	539,9	-63,6	-12%; regredindo

O **Centro Internacional de Pobreza** (CIP) é um projeto conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Governo Brasileiro, que tem como finalidade a promoção da Cooperação Sul-Sul em pesquisa aplicada e treinamento sobre temas relacionados à pobreza. O CIP se especializa na análise dos temas da pobreza e da desigualdade e na provisão de recomendações para a formulação de políticas direcionadas à redução da pobreza. O CIP é diretamente vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o qual elabora pesquisas no âmbito do Governo Brasileiro, e ao Bureau for Development Policy, PNUD.

O CIP publica Working Papers, Policy Research Briefs, edições da revista *Poverty in Focus*,

One Pages e Country Studies.

Para informações adicionais e acesso às publicações do CIP:

[www.undp-povertycentre.org](http://www.undp-povertycentre.org)